PROJETO WATT: AJUDAR EMPRESAS A DAR RESPOSTA AO DESAFIO ECOLÓGICO

"Dar resposta aos desafios da sustentabilidade e criar mecanismos para gerir o futuro, no que diz respeito à transição ecológica e digital" são, de acordo com Rui Tocha, diretor geral do CENTIMFE, os grandes objetivos do projeto WATT (What About Twin Transition) direcionado para as empresas do cluster Engineering & Tooling.

Um dos passos mais relevantes foi, no âmbito do projeto, a criação do 'Roteiro para a Transição Ecológica no Cluster E&T', contemplando um livro branco e um plano de ação. Rui Tocha acentuou que este é "um projeto pioneiro, a nível europeu".

O roteiro resulta de um trabalho exaustivo com um conjunto de empresas, que se estendeu pelos últimos meses, e foi apresentado no dia 23 de maio, no evento 'WATT Talks', no decorrer do qual se realizaram dois debates: um sobre 'Empresas sustentáveis - Experiências e desafios' e outro tendo como tema 'Experiências e desafios da indústria 4.0'.

Coube a Ana Pires, do CENTIMFE, fazer a apresentação do Roteiro, considerando que este "procura ser e dar pistas para um modelo económico mais sustentável, enquadrado nas novas políticas europeias e dando resposta às necessidades das empresas, de forma a encontrar as melhores soluções". No seu entender, "é preciso que as empresas se adaptem o mais depressa possível", de forma a concretizar esta transição.

O documento, adiantou, foi trabalho em conjunto com as empresas, com base na sua experiência, desafios e sugestões. Por isso, integra questões como 'substâncias e produtos seguros e sustentáveis', o 'uso eficiente dos recursos e a economia circular', ou ainda 'produção mais limpa' e 'estratégia, organização e pessoas', bem como 'ferramentas digitais'.

"Do resultado deste trabalho conjunto e das muitas reuniões, foi possível chegar a diferentes perspetivas", contou, acrescentando que, após as sessões – que decorreram nos dois polos da indústria de moldes (Marinha Grande e Oliveira de Azeméis) –, "foram definidas mais de 117 ações para fazer a transição ecológica na indústria". No entanto, "o processo foi sendo afinado e chegámos às 40 ações mais votadas".

Este roteiro, salientou, prevê uma produção limpa, com redução de emissões, mas é mais abrangente do que o ambiente, focando-se também em questões como a viabilidade financeira.

Para além do documento em papel, o roteiro tem um espaço online no âmbito do projeto WATT (https://watt.centimfe.com/), onde é possível encontrar um conjunto de respostas, sugestões e caminhos para apoiar as empresas neste desígnio.

EMPRESAS SUSTENTÁVEIS

'Empresas sustentáveis - Experiências e desafios', foi o tema do primeiro painel de debate, no qual se procurou ouvir a opinião das empresas sobre estas questões.

Maria João Fernandes, da Simoldes, referiu que as empresas do grupo "estão muito alinhadas com os mesmos princípios, procurando

olhar para os processos, os produtos, o negócio, tudo numa lógica de otimização de processos e produtos e trabalhar em projetos de inovação".

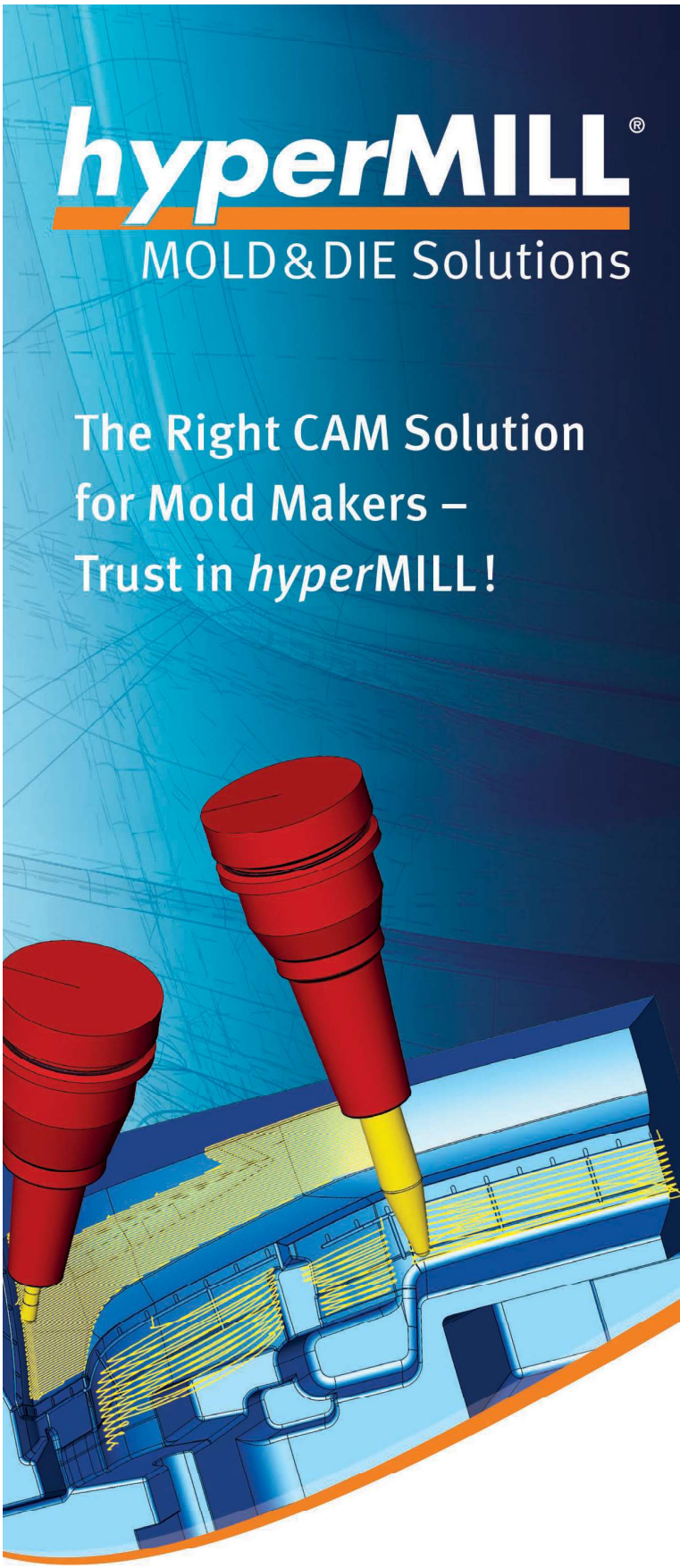
Entrar no processo logo no momento da conceção do molde é, no seu entender, fundamental porque permite "fazer uma aposta maior nas questões ecológicas". Um dos exemplos que aponta é a possibilidade de reduzir a quantidade aço, mas também algumas tarefas e a redução do consumo das matérias-primas e a energia. Mas deixou uma advertência: "as nossas escolhas estão sempre dependentes da vontade do cliente; ou seja, se o cliente não quiser pagar o valor da ecologia, nós não vamos conseguir incorporá-lo". Por isso, defendeu que "temos de estar todos dispostos a fazer esta mudança".

"Há aqui uma necessidade de adaptação, de forma a conseguir ir aumentando a competitividade e, possivelmente, para conseguir isso, vamos ter de nos juntar, não como concorrentes, mas de forma a chegar ao mercado com novos produtos e estar mais à frente".

Luís Pereira, da Microplásticos, explicou que a dependência da vontade do cliente limita sempre a ação das empresas. "Temos de tentar convencer os clientes a serem mais amigos do ambiente", afirmou, contando que, no caso da sua empresa, em 2021, definiu um roteiro ecológico, tendo conseguido neste espaço de tempo reduzir as emissões em 88% e esperando, em 2030, alcançar a neutralidade carbónica. "Ainda temos margem para melhorar e a economia circular é nosso o grande desafio", acrescentou.

Já Tiago Filipe, da Silvex, defendeu a importância de as empresas assumirem uma estratégia ecológica como forma de protagonizar a mudança que é necessário fazer. Mercado, produto, matérias-primas: é preciso ter tudo isso em atenção, no seu entender. "As mudanças são ameaças, sim, mas também há oportunidades nelas oportunidades que temos de conseguir conquistar", defende.

Para Pedro Sá, da Polisport, é fundamental as empresas "serem rentáveis, criar valor para ter o menor impacto a nível ecológico e ganharem eficiência". No entanto, advertiu, "não podemos esquecer que a vertente social também é importante, sobretudo orientar as nossas ações para as futuras gerações". "Para crescer, é preciso pensar em novos negócios e produtos, eliminar fases do processo, agilizar e estarmos presentes na parte final do processo, com a reparação", considera.



OPEN MIND
THE CAM FORCE
We push machining to the limit
www.openmind-tech.com

MELHOR DESEMPENHO

Já no segundo painel, intitulado 'Experiências e desafios da Indústria 4.0', e num debate moderado por Manuel Oliveira, secretário-geral da CEFAMOL, Ricardo Freitas, do CENTIMFE, defendeu a importância da transformação digital como "forma de incrementar o desempenho das empresas, melhorar a experiência com os clientes, renovar os processos e permitir desenvolver novos modelos de negócio".

Citando os resultados de um inquérito feito junto de empresas, em relação às prioridades do investimento tecnológico, revelou que 70% dos inquiridos considera a transformação digital 'tática'. Mas quando questionados sobre os maiores desafios para os próximos dois anos, mais de 64% considera que será a escassez de talento com valências. A cibersegurança é a segunda questão que mais preocupa.

Quanto às prioridades para 2023, as empresas consideram ser a automatização (55%), melhorar as competências e equipas TI (42%) e garantir o bom desempenho das áreas fundamentais (41%).

Lembrando que os pilares da transformação digital de uma organização são as tecnologias, os processos e as pessoas, salientou a importância que tem, neste aspeto, a cultura das empresas como garante da mudança. Modelo de negócio sustentado nos dados e na informação, assegurar a proteção dos dados, criar condições para criar fábricas inteligentes, identificar e desenvolver competências das pessoas, digitalizar processos e conectar, tornar visível e transparente o que está a acontecer através de medição dos dados, integrar de forma faseada toda a cadeia de valor, foram algumas das principais questões que considerou relevantes ter em atenção nesta questão.

Para Valdemar Duarte, da DRT, no que diz respeito à 'Indústria 4.0', as palavras-chave são "eficiência, otimização de recursos e adaptação à melhor forma para ser mais eficientes". A transformação digital é, no seu entender, "fundamental".

Admitindo a grande resistência que ainda existe em relação à mudança, considerou que, de uma maneira geral, as empresas têm muito caminho percorrido na 'Indústria 4.0' e preparam-se já para o próximo passo: a 'Indústria 5.0' e a aposta mais concertada na formação e humanização dos processos. "A implementação não é difícil, tem de ser bem estruturada, não basta colocar softwares e tentar ligar tudo. É fundamental planear o processo", defendeu. "Temos de ir integrando tecnologias, inovações e ferramentas, de forma a proporcionar a melhoria do processo. Mas temos de o fazer de forma estruturada", sintetizou.

Já para Jorge Ferreira, da Intermolde, "o principal desafio que sentimos prende-se com a falta de pessoas para trabalhar, sobretudo na parte da produção". "Estamos preocupados e a tentar trabalhar nesta questão, e estamos a apostar na automatização e na standardização dos processos porque só isso nos permite ser competitivos", esclarece.

Vasco Lagarto, do PTCentroDiH, começou por falar dos polos de inovação digital enquanto "rede que apoia o processo de transformação digital das empresas". Ou seja, agem como um facilitador antes da tomada de decisão em relação às melhores soluções tecnológicas, ou no apoio a identificar casos comuns onde possa haver troca de experiências e mesmo ajudar a nível de procurar financiamento.

"Cada entidade tem de pensar em si própria e no valor acrescentado que pode tirar de tudo isto, sendo certo que se as pessoas não estiverem envolvidas, dificilmente se obterão resultados", defendeu.

Enquanto projeto nacional que procura capacitar as empresas do Cluster Engineering & Tooling na Transição Ecológica e Digital, o WATT tem previsto um ciclo de eventos no qual pretende apresentar os resultados alcançados ao longo do projeto e permitir às empresas interagir com as tecnologias da Indústria 4.0 para potenciar a Transição Dupla nos sectores de Moldes, Ferramentas Especiais e Plásticos. No decorrer deste projeto, saliente-se, foram realizadas diversas ações colaborativas para definir o Roteiro para a Transição Ecológica, foi criada uma *Learning Factory* que agrega um conjunto de demonstradores da Transição Ecológica e Digital.